

O PALÁCIO DE CRISTAL TAL COMO FOI CONSTRUÍDO (1865)

SUMÁRIO

- 354** O TRISTE FIM DO PALÁCIO DE CRISTAL
por Francisco de Almeida e Sousa
- 362** UM ESPECIALISTA DO DOURO
O VISCONDE DE VILA MAIOR
por Luís A. de Oliveira Ramos
- 365** REPUBLICANO-INDUSTRIAL-FILANTROPO
ANTÓNIO DA SILVA CUNHA (1858-1920)
UM CIDADÃO EXEMPLAR
por António José Queirós
- 368** FRANCISCO JOSÉ RESENDE
UM PORTUENSE EM VIAGEM
PELA EUROPA NO SÉCULO XIX
por António Manuel Vilarinho Mourato
- 372** A FOZ NO SÉC. XIX
O FAROLIM DAS FELGUEIRAS
por Rui Nuno Ribeiro de Souza Roza
- 375** ANTIQUALHA DO PORTO
UMA TRADIÇÃO QUE VAI NA TERCEIRA GERAÇÃO
por João Carvalho
- 379** PORTO 2001 — DEPOIS DE DALAI LAMA:
« O FUTURO DO FUTURO »
por João Carvalho
- 381** VIDA CULTURAL
- 383** ACONTECEU HÁ 50 ANOS

PROPRIEDADE: ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

SEDE: Rua do Farol — Monte da Luz, 5
Telefs. 22 610 23 28 / 22 615 42 83 • Fax 22 615 42 84
4150-509 Porto

ADMINISTRAÇÃO: Tomás A. Moreira (Presidente)
Francisco de Almeida e Sousa (Administrador)
João Rui Ribas dos Santos (Administrador)

DIRECÇÃO: F. Almeida Conde (Director)
Augusto Canedo (Director Adjunto)

CONSELHO DE COORDENAÇÃO: Maria do Pilar Garcia
Alexandra Fernandes, José Fragoso, José Leão

Depósito Legal n.º 11457/86 • Registo na D.G.C.S. n.º 107643

Revista Mensal • Preço: €4,24 - 850\$00
Assinatura Anual: €42,40 - 8.500\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA: UNIARTE GRÁFICA • PORTO

DISTRIBUIÇÃO: MÁRIO DA SILVA BARGA, LDA.
Rua Duque de Terceira, 271 - 4000 PORTO

TIRAGEM: 5000 EXEMPLARES

7.ª SÉRIE • ANO XX • NÚMERO 12 • DEZEMBRO 2001

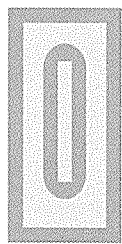
PATROCÍNIO:  CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO



588105

008(05)
Tri.





personagem a invocar, o visconde de Vila Maior, Prof. Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809-1884), sagrou-se, entre as

mais significativas notabilidades

do regime liberal, enquanto cientista e político. A sua existência marca pela ligação que gostava de estabelecer entre o pensamento, a acção e a ciência e as suas aplicações práticas, e bem assim pelo cuidado de documentar o objecto dos seus estudos, conforme os meios disponíveis no tempo.

Na verdade, este filho e sobrinho de fidalgos durienses perseguidos pelo miguelismo interrompeu os estudos universitários, durante o regresso do absolutismo (1828-1834), para na medida do possível, apoiar os seus familiares, o que não obsteu à morte, nos cárceres do Tribunal da Relação do Porto, de seu tio, o general Claudino Pimentel, em condições de horror iniciadas em Lisboa, na Torre de S. Julião da Barra.

Mal ocorre o regresso dos liberais (1832), aí o temos no batalhão académico a combater de armas na mão pela liberdade durante o cerco do Porto (1832-1833). Com tal pundonor o fez que cai ferido e fica às portas da morte, depois de um combate na Serra do Pilar. O feito vale-lhe a condecoração com a Torre e Espada. Mas sobrevive com uma deficiência notória que o obriga a coxear e é assim que chega a tenente-coronel no regime liberal novamente implantado pela vitória das tropas do duque imperial D. Pedro contra as hordas de D. Miguel.

Amigo do saber, terminada a guerra e derrotado o absolutismo, decide concluir os estudos universitários, regressando às Faculdades de Matemática e Filosofia (isto é, de Ciências) da Universidade de Coimbra. Sai bacharel da última, onde se tornara evidente o seu gosto pela química.

Concorre então a um lugar de professor da nova Escola Politécnica de Lisboa, então criada na vaga de reformas setembristas, dinamizadas por Passos Manuel, mas dependente do ministério da Guerra, onde vai conviver com figuras notáveis do seu tempo, entre as quais avulta o militar e historiador-académico Latino Coelho.

Como frequentara a Universidade de Coimbra em tempo de funda crise, evidente no advento do liberalismo, de indisciplina académica coeva, de falta de professo-

UM ESPECIALISTA DO DOURO

O Visconde de Vila Maior

res decorrentes das purgas liberais postuladas pelas purgas miguelistas, decide, para bem dominar os desenvolvimentos da química que floresce em França, passar dois anos em Paris a aperfeiçoar-se na sua especialidade

e campo de magistério. Atendendo às condições das Guerras Civis da Maria da Fonte e da Patuleia, só restabelecida a paz logra iniciar o seu douto magistério. Vaza-o nos dois volumes das suas *Lições*, que logo dá à estampa, responsabilizando-se pelo modo como ensina e proporciona aos estudantes da nova Escola Politécnica um adequado instrumento de trabalho.

Sócio da Academia das Ciências de Lisboa é nos seus *Anais e Memórias* que publica muitos dos estudos a que se vota, como dá à estampa muitos outros em revistas, jornais e enciclopédias portuguesas e estrangeiras.

Começam por avultar os consagrados às águas termais, numa época de incremento do termalismo. Extensa e sucessiva literatura analisa as águas das Caldas da Rainha, mas também se interessa pelas do Gerês, por exemplo.



VISCONDE DE VILLA MAIOR

Demais, o então cidadão lisbonense debruça-se sobre problemas concretos da cidade, onde trabalha nomeadamente sobre o saneamento da urbe.

Questões de natureza pública, como os das alfândegas, dos cereais e do vinho entram também na esfera das suas preocupações, após um período em que estuda temas de incidência colonial e outros.

Sobre «a matéria aduaneira e a problemática do contrabando» concebeu, conforme demonstra a Prof.ª Maria da Conceição Meireles Pereira, «um dos trabalhos lapidares», intitulado a *Liga das Alfândegas Peninsulares* (1860).

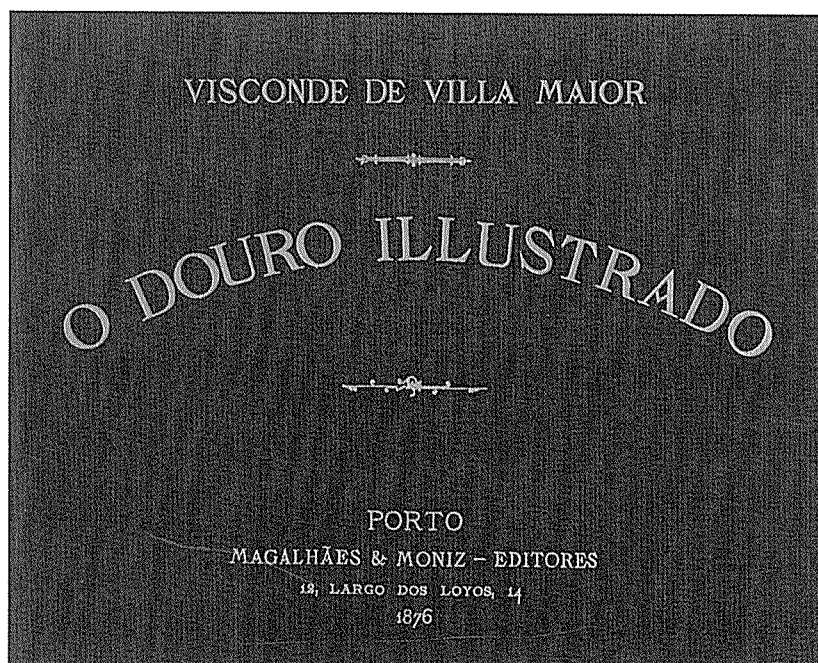
Além das *Memórias sobre a higiene pública de Lisboa*, redige a brochura sobre o *Novo processo de panificação*, a *Memória sobre os processos de vinificação dos principais centros vinhateiros a norte do Douro* (1867-1868), o *Tratado de vinificação para vinhos genuínos* (1868-1869) e também uma *Ampelografia e oenologia do país vinhateiro do Douro* (1870). Escreve ainda um *Manual de viticultura* (1875) e, finalmente, a obra reeditada (1990) e muito citada, *O Douro Ilustrado* (1876). O texto comporta três colunas, em português, francês e inglês, como actualmente se usa, acompanhado de estampas sobre as povoações mais pitorescas e de um grande mapa do percurso do rio.

Obra de ponderado esclarecimento para o grande público, trata das peculiaridades do caudal, do solo, das castas, das paisagens, da navegação, das pessoas. Nele reluz o cientista, além do homem de gosto, que chama a atenção para a importância omnimoda do rio, regiões adjacentes, seus servidores e utilizadores. De resto, serve-se da sua experiência pessoal e de documentados pontos de vista expressos por autoridades nas matérias versadas.

Assim, quanto à navegação ao longo do Douro, que ele próprio fez, não deixa de se arrimar às descrições vividas pelo lente de Filosofia da Universidade de Coimbra, Doutor Pedro Norberto Correia Pinto de Almeida (1806-1849), autor do relato de uma viagem rio abaixo.

Da mesma forma, o seu escrúpulo de homem de ciência leva-o a utilizar, em temas de geologia, explicações de conhecidos autores.

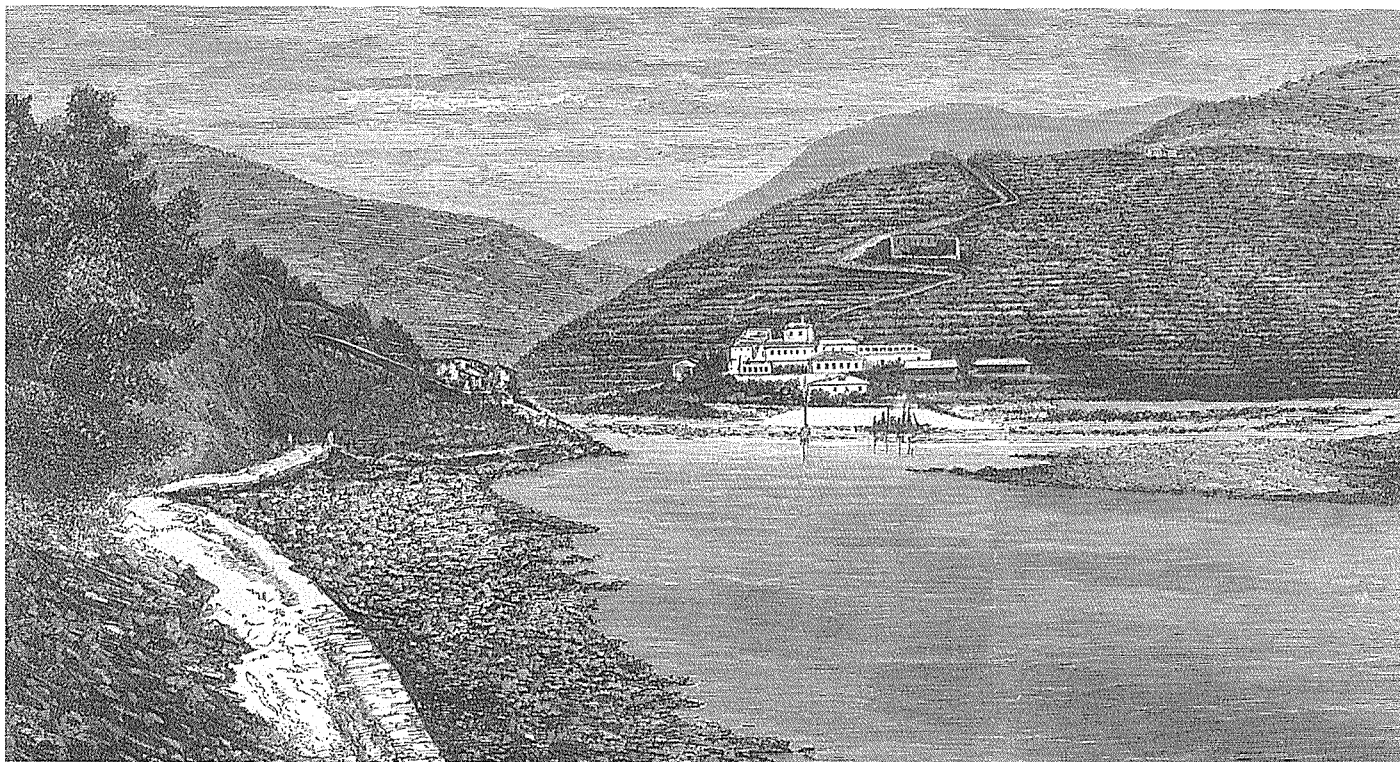
Mas o que escreveu, fruto também de cuidada observação directa, reveste-se de interesse etnológico no concer-



nente aos anais do Douro, aos usos e costumes decorrentes das actividades desenvolvidas na terra e na grande via fluvial que, no Porto, formava a *barra da terra*, por contraste com a barra do mar atlântico.

Um ponto a salientar é que a *Memória sobre a vinificação* e o *Manual de Viticultura*, são todos eles enriquecidos, o primeiro com estampas, e os restantes com gravuras para melhor entendimento dos seus conteúdos. De resto, Pimentel foi historiador, biógrafo e especialista da educação. Entre os seus trabalhos históricos avultam os que consagrou a Luís Mousinho da Silveira, Passos Manuel e, em especial, ao general seu tio, Claudino Pimentel. Este último intitula-se *Memorial biográfico d'um militar ilustre, o General Claudino Pimentel* (1884) e abrange aspectos que vão da Guerra Peninsular às perseguições miguelistas.

Por seu turno, revela-se elucidativo sobre o que fora e sobre o que se passava na Universidade o seu volume acerca da história e situação da Universidade, redigido no terceiro quartel do século. Aliás, o seu reitorado coincidiu com o primeiro centenário da reforma da Universidade por Pombal (1872), ficando-se a dever à iniciativa do Prof. Júlio Pimentel, apoiado pelas Escolas, os volumes sobre a história das Faculdades de Teologia, Medicina, Filosofia e Matemática, respectivamente da autoria dos Doutores Motta Veiga, Serra Mirabeau, Simões de Carvalho e Castro Freire. Infelizmente, jamais vieram a lume os textos programados sobre Leis e Cânones, pois os lentes escolhidos para o efeito não os produziram. Quer dizer, se faltam as Memórias relativas ao ensino nos cem anos antecedentes relativos



PINHAO – DESENHO DE J. PEDROZO IN *O DOURO ILUSTRADO*

a Direito não foi decerto por falta de estímulo do reitor, um homem que se sagrara no mando durante cerca de dois decénios, à frente da Escola Agrícola de Lisboa.

Anotese ainda que a conjugação entre a teoria e a prática que se desenvolve nas pesquisas que deu à estampa, está à vista nas intervenções que produziu enquanto membro da Câmara de Deputados, da Câmara de Pares ou então como Vereador e Presidente da Câmara de Lisboa. Não menos falta nos textos enviados à Academia Real das Ciências, ou nos artigos de natureza enciclopédico-científica em obras estrangeiras, de colaboração com cientistas famosos.

Com Latino Coelho, debruçou-se, em nome da Academia Real das Ciências, sobre a Instrução Pública, o mesmo fazendo como reitor da Universidade, à data da sua morte, sempre por designação do Governo, que sob o liberalismo, como noutras épocas, hipercentraliza as decisões relativas à política universitária.

Explícitos, a todos os títulos, parecem-nos os seus relatórios acerca de Exposições universais oitocentistas e sobre o que elas representaram para a civilização da época e para Portugal, exposições onde o Prof. Pimentel esteve como Comissário Régio.

O visconde publicou boa parte das suas investigações e observações acerca do Douro depois de, em 1869, ascender a reitor da Universidade de Coimbra, nomeadamente o *Douro Ilustrado*.

Proprietário duriense, homem público e cientista de renome internacional, o visconde de Vila Maior ilustrou, como poucos, a relação entre a teoria científica e a prática na sua observação a respeito do Douro, dos seus vinhos e nem a longa passagem pela prelaquia da Universidade de Coimbra o impediu de atender ao interesse geral do cidadão vinhateiro, no caso informado de acordo com os exigentes critérios do professor do ensino superior que ele era.

Amigo assim não o tem qualquer região ou qualquer produto português, mas teve-o, o Douro, o seu rio e o seu vinho.

LUÍS A.
DE OLIVEIRA
RAMOS*

* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PEREIRA, Maria da Conceição Meireles, *O Contrabando Luso-Espanhol no Século XIX*, in *O Contrabando e outras histórias* (Org. de Luís A. de Oliveira Ramos), Porto, 2001.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES Guilherme, *Portugal — Dicionário Histórico*, Vol. V, Lisboa, 1911.

PIMENTEL, Júlio Máximo de Oliveira, *O Douro ilustrado*, Porto, 1876. (2.ª edição facsimilada, Lisboa, 1990).

RODRIGUES, Manuel Augusto, *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores*, Coimbra, 1990.